

Relatos de Amor e Serviço

Painel Comemorativo dos 100 anos da presença das Irmãs Servas de Maria Reparadoras, no Brasil



Servas de Maria Reparadoras: uma espiritualidade que nasce da contemplação do Amor, na cena de Maria aos pés da Cruz, com Jesus nos braços. Espiritualidade cultivada a partir do seguimento de Jesus, na sua expressão mais forte e paradoxal: Deus, Criador de todas as coisas, “reduzido”, “esvaziado por si mesmo” (cf. Filipenses 2,6-11) da sua condição divina a um corpo frágil e débil, necessitado e aparentemente derrotado. Assim, Ele revela que o seu poder não é o poder dominador e da força, mas o poder misterioso do Amor que, por ser Amor, é capaz de se fazer tão pequeno e frágil, justamente porque este poder de amar não tem limites. Como em Êxodo 3,7, Deus ouve o clamor dos pequenos, desce, nos alcança, nos redimensiona, nos ergue da condição de escravos, nos transforma e liberta...

Como ponto de partida de inspiração para toda a obra, optei por uma releitura de cena de Maria aos pés da cruz e de Jesus, encarnandola em nossa história de Brasil, a partir das nossas raízes indígenas.

Inspiradas neste cena tão forte e profundo, as irmãs assumem sua missão de abraçar toda a criação ainda ferida e humilhada. Nesta releitura

de uma “pietà” clássica, Maria assume traços de mulheres indígenas, na sua riqueza de adorno e beleza, acenando para a situação dramática em que vivem nossos povos indígenas originários. O Filho, consolado nos braços da Mãe, nos remete à situação de tantos jovens negros e pobres, cujas vidas são ceifadas por estruturas ainda muito carentes de amor e justiça. Ela o acolhe em seus braços com a ternura de quem só consegue dar amor. Não há lugar para vingança, nem ódio. A mulher, Maria de Nazaré, como tantas Marias, segura nos braços o jovem Cristo, revivido em tantas situações nos dias de hoje, como Deus acolhe o Verbo que se encarnou, foi fiel ao seu amor até às últimas consequências e agora retorna para os seus braços maternos.

O desafio de reparar a dor e fazer gerar dela, o amor, continua a se perpetuar através daquelas e daqueles que, a exemplo de Maria e de seu Filho Jesus, deixam suas terras e se encarnam na vida dos mais pobres e sofredores, num espírito de sororidade/fraternidade que repara as raízes provocadoras de dor e sofrimento, em vida e dignidade. A Cruz, a cena forte de Maria com Jesus no colo, simboliza os desafios de curar feridas, enxugar lágrimas e restituir a dignidade que nos foi dada de herança como filhas e filhos de Deus (cf. Rm 8,17).

Um caminho sinuoso sobre a grande imagem vai nos conduzindo desde a parte inferior esquerda, na Itália, com algumas cenas da fundação de Congregação, até a parte superior direita, onde a diversidade de gerações lançam sementes que darão seus frutos no futuro.

Começando da parte inferior esquerda, temos um marco com uma cruz iluminada, pascal, na cidade de Vidor (Itália), berço onde tudo começou, o chão onde essas primeiras mulheres, em comunidade e com a fundadora, Madre M. Elisa Andreoli e sua mãe, deram seus primeiros passos.

Junto aos pés de Jesus, estão as cinco irmãs e a postulante, missionárias que aceitaram o chamado e partiram em missão para o Brasil: “Ide pelo mundo inteiro e proclamai o Evangelho a todas as criaturas” (Bento XV, 1919). Ao longo do caminho, aparecem imagens da primeira residência das irmãs em Sena Madureira, escolas, hospitais e missões.

As imagens que foram figuradas no painel pretendem ilustrar, de forma simbólica, todas as obras e ações das irmãs, que atenderam a tantos clamores, em destaque para educação, saúde e catequese. Obras que serão semeadas no Brasil e em outros países da América Latina, como Argentina, Peru, Bolívia e México. São imagens que são sinais de inúmeras obras e gestos de pessoas que se doaram pessoalmente e comunitariamente, para que o Amor Reparador pudesse ser este elemento revolucionário de transformação da realidade: ser solidárias na dor, dor da humanidade fragilizada de diferentes formas, mas firmes na esperança de ver mulheres e homens livres de todo tipo de opressão e injustiça, da violência e medo (cf. Mt 14,22-33).

Um livro em destaque é reconhecimento pela grande contribuição das irmãs na área da educação. Em torno dele, três jovens dialogam e partilham seus conhecimentos, apontando para a importância da educação e do seu papel libertador, de formação das pessoas em sociedade e seus valores.

No centro, no “coração” de Maria, uma comunidade está reunida em torno da mesa da Palavra e da partilha, destacando a importância de uma formação comunitária e participativa, e de uma espiritualidade bíblica, afetiva e encantadora.

Continuando o caminho da história, a presença das irmãs, de diferentes nacionalidades e maneiras de ser presença, vai tecendo, ao longo destes cem anos, relações de amor, solidariedade e serviço, sobretudo junto aos mais pobres e marginalizados, onde o tecido social está rasgado e ferido, justamente onde a reparação se faz urgente.

Após tantos anos de trabalho, os frutos já são colhidos e são visíveis na alegria das crianças que dançam, brincam, sinais da utopia do Reino de Jesus no “já” da história, antevendo uma sociedade construída nos pilares da fraternidade, do amor-serviço-solidário e da justiça, onde haja igualdade de direitos, respeito às diferenças, vida em abundância, cuidado e dignidade para com toda a criação.

Duas figuras de jovens se destacam pela alegria e pelo movimento, com suas roupas que se misturam com flores e apontam para frente. As linhas que formam a jovem cheia de alegria e vida, com seus vestidos de flores ao lado do menino, tem sua origem no corpo do jovem caído. A vida que vence a morte, a esperança que vence a tristeza e a indiferença.

Mais no alto, duas irmãs lançam sementes, no reconhecimento e respeito às gerações que nos antecederam, simbolizando a responsabilidade em plantar hoje, para que outros possam colher um mundo futuro melhor e mais saudável.

Toda ação de amor e de coragem, de sabedoria e de fortaleza, vem do Espírito que nos foi deixado por Jesus em Pentecostes. Essa força que anima e protege, esta espiritualidade que alimenta, se renova e se atualiza em cada tempo e lugar, é a presença do Espírito Santo, simbolizado pelo grande pássaro, com suas asas abertas que se misturam às cenas da realidade, como que as envolvendo, perpassando e animando.

Anderson Augusto S. Pereira

Juiz de Fora, 26 de fevereiro de 2019

Amore e servizio riparatore

Banner commemorativo dei 100 anni di presenza in Brasile delle suore Serve di Maria Riparatrici



Serve di Maria Riparatrici: una spiritualità che nasce dalla contemplazione dell'Amore che si manifesta nella scena di Maria ai piedi della croce con nelle braccia Gesù. Una spiritualità coltivata a partire dalla sequela di Gesù nella sua espressione più forte e paradossale: Dio, Creatore di tutte le cose, ha umiliato se stesso, spogliandosi della sua condizione divina (cf. Fil 2,6-11) e ha assunto un corpo fragile e debole, bisognoso. Sconfitto, rivela che il suo potere non è quello che domina con la forza, ma è il potere misterioso dell'Amore, capace di farsi piccolo e fragile, perché questo è il potere di amare senza limiti, come in *Es 3,7*, dove Dio ode il grido dei piccoli, scende, li rialza, li risolve dalla loro condizione di schiavitù, li trasforma e li libera.

L'ispirazione del dipinto parte dalla rilettura della scena di Maria ai piedi della croce di Gesù, incarnata nella storia del Brasile, a partire dalle sue radici indigene.

Inspirate da questa immagine così forte e profonda, le suore assumono la missione di abbracciare tutta la creazione, ferita e umiliata. In questa rilettura della "pietà" classica, Maria assume i tratti di una donna indigena nella ricchezza dell'ornamento e nella sua bellezza, manifestando tuttavia la situazione drammatica in cui vivono i popoli indigeni.

Il Figlio, accolto tra le braccia della Madre, ricorda la situazione di tanti giovani neri e poveri, le cui vite sono accolte in strutture carenti di amore e di giustizia.

Ella lo tiene tra le sue braccia con la tenerezza di coloro che sanno donare solo amore. Non c'è posto per la vendetta o l'odio. La donna, Maria di Nazaret, come le tante Marie, tiene tra le braccia il giovane Cristo, che rivive in tante situazioni di oggi, come Dio accoglie il Verbo, che si fece carne, fedele al suo amore fino alle estreme conseguenze, e che ora ritorna tra le sue braccia materne.

La sfida di riparare il dolore e di farne scaturire l'amore, si perpetua attraverso coloro che, sull'esempio di Maria e del suo Figlio Gesù, lasciano la loro terra, s'immedesimano nei più poveri e sofferenti con uno spirito di fraternità che ripara le radici che provocano dolore e sofferenza e feriscono la dignità.

La forte scena di Maria con Gesù in grembo simboleggia la sfida di guarire le ferite, asciugando le lacrime e restituendo la dignità donataci in eredità come figli e figlie di Dio (cf. *Rm 8,17*).

Un sentiero tortuoso sopra la grande immagine porta da sinistra, in basso, in Italia, dove sono rappresentate alcune scene della fondazione della Congregazione, fino alla parte superiore a destra dove le diverse generazioni lanciano il seme che darà frutto in futuro.

Partendo in basso da sinistra, troviamo un punto di riferimento nella croce pasquale illuminata, nella città di Vidor (Italia), culla dove tutto ebbe inizio, il terreno dove queste prime donne, in comunità e con la fondatrice madre M. Elisa Andreoli e la sua mamma, mossero i primi passi.

Presso i piedi di Gesù vi sono le cinque suore e la postulante, che accettarono la chiamata di partire per la missione del Brasile: “Andate in tutto il mondo e predicate il Vangelo ad ogni creatura” (Mc 16,15). Lungo il cammino compaiono immagini delle prime residenze delle suore in Sena Madureira: scuole, ospedali e missione.

Le immagini rappresentate nel banner vogliono illustrare in forma simbolica tutte le opere e le azioni delle missionarie che risposero alle tante necessità, in particolare con l'educazione, la cura della salute e la catechesi. Opere che saranno seminate in Brasile e in altri paesi dell'America Latina, quali l'Argentina, la Bolivia, il Perù, il Messico.

Sono immagini che sono segni di innumerevoli opere e gesti di persone che si sono donate individualmente e comunitariamente, perché l'Amore riparatore potesse essere elemento rivoluzionario di trasformazione della realtà: essere solidali nel dolore dell'umanità oppressa in tanti modi, ma ferme nella speranza di vedere donne e uomini liberi da ogni sorta di oppressione e ingiustizia, di violenza e paura (cf. Mt 14,22-33).

Un libro in primo piano è il riconoscimento del contributo delle suore nell'educazione. Attorno ad esso tre giovani dialogano e condividono le loro conoscenze, sottolineando l'importanza dell'istruzione e il suo ruolo liberatore, della formazione delle persone e dei suoi valori nella società.

Al centro, nel “cuore” di Maria, una comunità è riunita intorno alla mensa della Parola e della condivisione per sottolineare l'importanza di una formazione comunitaria e partecipativa, di una spiritualità biblica, affettiva e coinvolgente.

Continuando il cammino della storia, la presenza delle suore, di differenti nazionalità e con varie modalità di presenza, va tessendo, in questi cento anni, relazioni di amore, solidarietà e servizio, soprattutto accanto ai più poveri ed emarginati, dove il tessuto sociale è lacerato e ferito, proprio dove la riparazione è più urgente.

Dopo tanti anni di lavoro, già si possono raccogliere i frutti e sono visibili nell'allegria dei piccoli che danzano, giocano, segni dell'utopia del Regno di Gesù nel “già” della storia, anticipando una società costruita sui pilastri della fraternità, dell'amore-servizio-solidale e della giustizia, dove si ha la parità dei diritti, il rispetto delle differenze, la vita in abbondanza, la cura e la dignità di tutto il creato.

Due figure di giovani si distaccano e si distinguono per la gioia e il movimento, con i loro vestiti che si fondono con i fiori e puntano in avanti. Le linee che formano le giovani donne piene di gioia e di vita, con i loro abiti a fiori, accanto al ragazzo, hanno la loro origine nel corpo del giovane caduto, a indicare la vita che vince la morte, la speranza che supera la tristezza e l'indifferenza.

Più in alto due giovani che spargono dei semi, nel riconoscimento e nel rispetto delle generazioni che ci hanno preceduto, simbolizzano la responsabilità del piantare oggi perché altri possano trovare un mondo migliore e più sano.

Tutta l'azione d'amore e di coraggio, di sapienza e di forza, viene dallo Spirito che ci fu donato da Gesù nella Pentecoste. Questa forza che anima e protegge, questa spiritualità che ci alimenta, si rinnova e si attualizza in ogni tempo e luogo: è la presenza dello Spirito Santo, simboleggiata dal grande uccello con le ali aperte, che si mescolano a scene di realtà come se le avvolgessero, permeandole e animandole.

Anderson Augusto S. Pereira